
**DE VEDETE A POETA: A
TRAJETÓRIA DE ROSE MÉRYSS**
From *vedette* to poet: Rose Méryss' path

Daniela Mantarro Callipo¹

RESUMO: Rose Méryss aportou no Rio de Janeiro em 1870 e logo conquistou a simpatia do público do Alcazar. Possuidora de grande talento e de uma bela voz de contralto, a *étoile parisienne* surpreendeu ao interpretar vários papéis masculinos, tornando-se célebre como Boccaccio. A artista dividia seu tempo entre os palcos franceses e brasileiros, até que decidiu abandonar o tablado por volta dos cinquenta anos. Rose Méryss começou, então, a lecionar francês e declamação, mas foi como poeta e jornalista que ela ganhou prestígio e respeito, tornando-se colaboradora de vários periódicos, até deixar o país para se tornar dama da Cruz Vermelha Francesa em 1917. Rose Méryss faleceu doze anos depois em Paris, já octogenária e esquecida. Pretende-se resgatar sua produção poética na imprensa brasileira, analisando de que maneira sua obra dialogou com as estéticas literárias do período.

PALAVRAS-CHAVE: imprensa oitocentista; poesia; Rose-Méryss

RÉSUMÉ: Rose Méryss est arrivée au Brésil en 1870 et a rapidement attiré la sympathie du public de l'Alcazar. L'étoile parisienne, qui possédait un grand talent et une belle voix de contralto a surpris les spectateurs en jouant plusieurs rôles masculins, surtout celui de Boccaccio. L'artiste partageait son temps entre les scènes françaises et brésiliennes, jusqu'à ce qu'elle décide d'abandonner le théâtre. Rose Méryss commence alors à donner des cours de français, mais c'est comme poète et journaliste qu'elle connaît le prestige et le respect. Elle est devenue collaboratrice de plusieurs périodiques et puis a quitté le pays pour devenir une Dame Française de la Croix Rouge en 1917. Rose Méryss est morte à Paris, complètement oubliée. Cet article a le but de récupérer sa production poétique dans la presse brésilienne, en observant de quelle manière son œuvre a dialogué avec les esthétiques littéraires de la période.

MOTS-CLÉS: presse du XIXe siècle; poésie; Rose Méryss

¹ Docente da Universidade Estadual Paulista, *campus* de Assis.

Rose Marie Baudon nasceu no dia 23 de abril em Bordeaux, por volta de 1850. Segundo o jornal *Rua do Ouvidor* (16 ag. 1902, p. 2), ela teria estreado como Rose Marie, em 1865, no Petit Théâtre da Place de la Bastille, sendo contratada pelo Concert, onde ficou até 1868, apresentando-se também no Alcazar, no Bataclan e na província. Estava no Variétés de Paris, quando eclodiu a guerra de 1870 entre a França e a Prússia; as casas de espetáculo foram fechadas e ela aceitou o convite de Joseph Arnaud, empresário francês radicado no Brasil, para se apresentar no Alcazar Lírico do Rio de Janeiro, rebatizado como Teatro Lírico Francês. Ela aportou em 23 de setembro de 1870 e a contratação foi comemorada nos jornais da época, pois se tratava de uma artista de “primeira ordem” (*Diário de Notícias*, 1870, p. 2). No entanto, em fevereiro de 1871, ela começou a causar problemas para Arnaud, simulando estar doente para não ter de se apresentar. De posse do atestado médico que afirmava estar a cantora com ótima saúde, o empresário do Teatro Lírico precisou chamar a polícia para intimá-la formalmente a cumprir seu contrato, o que ela recusou.

Em primeiro de março, o *Diário de Notícias* anuncia que Rose Marie havia tentado fugir do país a bordo do paquete francês *Sidh* em direção ao Rio da Prata, mas foi cercada pela polícia que a obrigou a retornar e cumprir o contrato assinado (*Diário de Notícias*, 21 fev. 1871, p. 2). Rose Marie desiste da viagem, mas se recusa a voltar a trabalhar para Arnaud, que manda embargar todos os pertences da artista, para tentar reaver a quantia de 31.250 francos, dos quais 1.250 haviam sido pagos na França como adiantamento e 30.000 por rescisão de contrato. Rose Marie passa a viver escondida no Rio de Janeiro.

Em 31 de julho desse mesmo ano, o *Diário do Rio de Janeiro* noticia que a “ex-prima dona” do Teatro Lírico Francês está leiloando as roupas que havia usado em cena e mais alguns objetos pessoais, como livros, joias, rendas e grinaldas. Todo o lucro obtido seria destinado a Arnaud que exigia o pagamento do contrato não cumprido e impedia Rose Marie de retornar à França. Em novembro de 1872, o *Correio do Brasil* comunica que a ré solicita sua absolvição e a mudança do acordo embargado (*Correio do Brasil*, 28 nov. 1872, p. 12).

Em 28 de novembro de 1873, Arnaud anuncia que Rose Marie voltará a atuar no Teatro Lírico e seu repertório será repleto de canções chistosas. A notícia é comemorada pelos fãs da artista: segundo o *Diário do Rio de Janeiro*, a mudança e a renovação do repertório vieram em boa hora.

Arnaud havia tentado transformar o Alcazar em um Opéra Français e, com isso, afastara o público que estava em busca de diversão. Esperava-se que a “mania de seriedade” não voltasse mais, porque a direção do teatro perdera dinheiro, os frequentadores sofreram resignadamente que se cantasse a *Favorita* e os artistas perderam a reputação de que gozavam. O retorno de Rose Marie é festejado: “Felizmente, porém, parece que, com a reentrada de Mlle. Rose Marie, renasce no Alcazar a alegria e animação, por tanto tempo afastadas daquele recinto e acreditamos firmemente que esse será o caminho mais seguro para a prosperidade” (*Diário do Rio de Janeiro*, 8 dez. 1873, p. 2). Vê-se que o acordo beneficiaria tanto a Arnaud, quanto à artista. Mas era tarde demais para o diretor do Alcazar, que anunciaria sua falência em 1875 e morreria em 1878.

Rose Méryss cumpre o contrato até março de 1874, quando viaja para a França. Provavelmente, Arnaud havia sugerido à artista o retorno ao trabalho, como forma de pagamento da quantia devida.

Ao que tudo indica, Rose Marie não encontrou em Paris um ambiente propício para seu desenvolvimento como cantora, pois em 16 de abril de 1875, ela decide retornar ao Brasil, onde se torna a grande estrela do Teatro Lírico Francês, rebatizado como Alcazar Lírico Fluminense. O café concerto, nessa época, já não atraía multidões, como já mencionado, mas a artista conquistava o público com sua bela voz de contralto e sua habilidade em se travestir para executar papéis masculinos, como fez com Roland, da ópera bufa *Les Bavards*, de Offenbach. Sua estreia em maio é descrita como “sublime” e a atriz foi aplaudida com “visível entusiasmo” (*Jornal do Comércio*, 22 maio 1875, p. 6).

Um de seus melhores momentos ocorre em outubro de 1875, quando nasce o Príncipe Imperial Pedro de Alcântara, filho da princesa Isabel e do Conde d’Eu e ela canta, em *soirée* de gala, o Hino Nacional Brasileiro. Ao contrário de suas antecessoras Risetete e Aimée, Rose Marie é bem aceita no ambiente familiar. Suas músicas são tocadas nos saraus e, nesse período, as mulheres começam a frequentar o teatro de Arnaud, que deixa de ser um café concerto e passa a apresentar um repertório mais elegante. Talvez essa escolha tenha resultado num público menos numeroso e, ao mesmo tempo, mais exigente. A falência, como dito acima, foi inevitável e em 1877, é Rebelli quem assume a direção do teatro.

Rose Marie passa então a se apresentar no Teatro Cassino, cujo diretor é o ator Galvão. No final do mesmo ano, torna-se a estrela do Théâtre des Variétés, dirigido por Roger. Em 27 de julho desse mesmo ano, deixa o

Brasil para excursionar pelo Uruguai e Argentina. Em outubro, estreia no Teatro das Variedades em Buenos Aires, sendo recebida com “estrepidosos aplausos” (*Gazeta de Notícias*, 29 out. 1877, p. 1).

Em 1878, volta para a França,² adota o nome de Rose Méryss, apresentando-se em três teatros de menor importância alternadamente: Fantaisies Parisiennes, Chatelet, Palace Théâtre. Em 1882, é contratada pelo Folies Dramatiques. Resolve estudar canto lírico, aumenta seu alcance vocal e obtém reconhecimento por sua bela voz de *mezzo soprano*. Mas o sucesso que havia experimentado no Brasil não chega nunca. Em setembro desse mesmo ano está de volta ao Rio de Janeiro, onde estreia no Teatro Sant’Anna, sob a direção do artista Heller novamente. Boccaccio torna-se uma de suas mais “esplêndidas criações” (*Gazeta de Notícias*, 21 maio 1884, p. 3). Seu talento como atriz e cantora é valorizado e aplaudido. Como já fala bem o português, inclui em seu repertório canções como “Fica quieto, nhonhô”, “O sinal da bela Iaiá” e “Mamãe me enganou”, cujas partituras são vendidas e disputadas.

Em 10 de junho de 1884, Rose Méryss deixa o Teatro Sant’Anna. Heller publica uma série de cartas nos jornais afirmando que a atriz, logo após seu benefício, chamou-o à sua casa, tratou-o com grosseria e impôs uma condição para voltar ao trabalho: que seu nome aparecesse em primeiro lugar nos anúncios dos espetáculos. Heller disse que era uma falta de respeito para com os outros artistas, ao que Méryss teria respondido: “Não trabalho mais!” (*Gazeta de Notícias*, 15 jun. 1884, p. 3). É evidente que temos acesso apenas à versão contada por Heller, mas não deixa de ser curioso observar que a artista, que nunca obteve reconhecimento na França, faça exigências de uma celebridade no Rio de Janeiro.

Em julho, Rose Méryss estreia no Teatro Príncipe Imperial, sob a direção de Souza Bastos, a peça *As três rocas de cristal*, de Aristides Abranches. Nos anúncios dos jornais, seu nome aparece em grande destaque, como havia solicitado a Heller, que não a atendeu. Todavia, em 7 de janeiro de 1885, volta a trabalhar no Teatro Sant’Anna para encenar o papel que a consagrou: Boccaccio.

² Oficialmente, Rose Marie afirma que está com saudades da pátria, mas os jornais do período informam que ela teve uma discussão muito séria com o empresário Heller, porque seu nome não tinha o destaque merecido nos anúncios de suas peças.



Figura 1. *Fon-Fon*, 3 jun. 1911, p. 1.

Nos anos seguintes, Rose Méryss passará a se apresentar esporadicamente, participando de benefícios e ocasiões especiais. Em 1889, por exemplo, é escolhida para interpretar “Invocação”, composta por Chiquinha Gonzaga, no concerto em que a maestrina ia oferecer no teatro S. Pedro de Alcântara (*Gazeta de Notícias*, 29 ag. 1889, p. 2). Em 1890, deixa oficialmente o Teatro Sant’Anna, mas a amizade com Heller continua e a artista será sempre convidada a ali se apresentar.

Nesse período, Rose Méryss começa a pintar e expor seus quadros e a recitar poemas de sua autoria em eventos importantes, bem como a publicá-los em diversos periódicos. Eles tinham sempre relação com datas históricas, aniversários, falecimentos. Os chamados *poemas de circunstância* não eram raros nessa época: “Na década de 1890, constam da *Gazeta* cerca de 255 poemas de circunstância. De modo geral, eram obras que enalteciam homens e mulheres importantes do período (LÓPEZ, 2012, p. 149).

Rose Méryss começa a se dedicar à poesia no momento em que o Parnasianismo se estabelece no Brasil como uma reação aos exageros da estética Romântica. Tendo Alberto de Oliveira publicado seus *Sonetos e poemas* em 1886, essa data passou a marcar a cristalização do movimento no país (BANDEIRA, 1938, p. 8). Em seu célebre texto “O culto da forma na poesia brasileira”, Afrânio Coutinho destaca quais seriam as características

principais do Parnasianismo: a busca pela expressão perfeita, o respeito à língua, a utilização de rimas ricas, o culto à elevação e à pureza da linguagem, a eliminação de epítetos comuns e vagos (COUTINHO, 1980, p. 594). No entanto, se os parnasianos brasileiros se inspiraram nos poetas franceses que seguiam essa estética, deles se afastaram ao rejeitar a frieza, a objetividade e o comedimento. Para Fischer, há momentos em que a poesia de Olavo Bilac, por exemplo, deixa-se “impregnar formalmente pelo transbordamento da emoção” (2003, p. 233).

Embora a produção poética de Rose Méryss esteja inserida no contexto do Parnasianismo brasileiro, não se encontram muitos aspectos dessa estética em seus poemas. É verdade que existe a preocupação com a métrica, a preferência por alexandrinos, típica dos franceses, e algumas tentativas de se fazer a cesura na sexta sílaba tônica. Mas as rimas nem sempre são ricas, a linguagem não é elevada, nem pura: muitas vezes a artista se serve de um vocabulário coloquial, elimina partículas representativas da norma culta francesa e, sobretudo, deixa-se levar pela emoção, ora comovendo-se, ora indignando-se.

Pode-se citar como exemplo, os versos declamados por Rose Méryss durante a celebração do 14 de julho no Cassino Fluminense em 1890. A *Gazeta de Notícias* publica-os na primeira página e tece elogios à “aplaudida artista”. No longo poema de 15 estrofes, o eu lírico descreve a luta do Povo — esse leão poderoso — para conquistar os ideais revolucionários: Liberdade, Igualdade e Fraternidade e, ao mesmo tempo, os ideais cristãos, como a busca do Amor pregado pelo Mestre:

C'est qu'il voulait ce Peuple adorant la Justice
Sur le livre des lois mettre à son frontispice
Ces mots du divin “Maître”: Amour, Fraternité;
Et chassant de son sein l'ignorance stupide,
Boire à la coupe d'or dont il était avide
La grande instruction, qui fait “l'Égalité”
(*Gazeta de Notícias*, 17 jul. 1890, p. 1)

O eu lírico lamenta que toda Revolução tenha de ser feita de forma sangrenta, mas não vê alternativa para a luta popular que é sempre radical e necessária para promover a mudança.

Mais, hélas! rien ne peut se faire sans colère:
Le sang coule souvent quand le flot populaire,
Formidable envahit tout, prisons ou palais;

Et ce peuple emporté par son élan sublime
Ses yeux fixés “en haut” ne voyait que la cime
Où dans tes voiles blancs, “Liberté”, tu planais!
(*Gazeta de Notícias*, 17 jul. 1890, p. 1)

São lembrados os ideais revolucionários que se espalharam pelo mundo até chegar ao Brasil, caracterizado como uma nação grande e pacífica que caminha em direção ao progresso e estende a mão fraternal à sua irmã, a França. É curioso observar que, em vários de seus poemas, Rose Méryss descreve o Brasil como um país que tem uma história limpa, que o sangue nunca manchou.

As estrofes possuem 6 versos cada uma e é possível perceber a tentativa da autora de fazer a cesura na sexta sílaba tônica, como na estrofe final, que é uma saudação aos dois países:

Saluons donc deux fois cette date sublime!
Et, méprisant des bruits que la haine envenime,
Crions dans un transport d’amour, d’égalité:
Oui! “Vive le Brésil”! Et gardons l’espérance
De l’entendre toujours crier: “Vive la France”!
Qu’elle soit République, Empire ou Royauté!
(*Gazeta de Notícias*, 17 jul. 1890, p. 1)

Nota-se o rigor na escolha de alexandrinos, mas observa-se que a busca de respeitar a cesura na sexta sílaba tônica não é bem sucedida nos versos 3, 5 e 6. Se levarmos em conta a escansão francesa, as rimas são ricas e suficientes. Verifica-se, portanto, que Rose Méryss procura respeitar a técnica da elaboração de versos e preocupa-se com sua qualidade. Mas não se encontra aí a sobriedade do Parnasianismo; ao contrário, a presença maciça de exclamações, o ato de gritar “num transporte de amor e de igualdade” faz lembrar um poema romântico em que o eu lírico experimenta emoções exacerbadas. Além disso, a imagem do Povo é idealizada como em um poema de Victor Hugo: ele adora a Justiça, é levado por um entusiasmo sublime e liberta os prisioneiros que gemiam nas fossas profundas da Bastilha.

Em 1891, quando falece o Imperador D. Pedro II em Paris, a artista publica um comovente poema intitulado “Le Glas”³ no *Jornal do Brasil*, composto de oito estrofes com seis versos alexandrinos cada uma.

³ Glas é o sino que repica no Dia de Finados

Nas duas primeiras estrofes, o eu lírico relembra que a França hospitaleira recebeu o último suspiro daquele Imperador, a quem sua terra natal havia negado uma sepultura. Apesar da tristeza pela morte do monarca, sente orgulho de saber que a França abrigará os restos de um Imperador:

Enfin! Elle a sonné l'heure de délivrance!
Tous ses maux sont finis!... Toi! c'est toi, chère France,
Qui reçus de l'Aïeul le suprême soupir;
C'est toi qui lui donnas à son heure dernière
Cette hospitalité qui doit te rendre fière!
C'est dans ton sein ainsi qu'il est allé mourir!
(*Jornal do Brasil*, 7 dez. 1891, p. 2)

A terceira e a quarta estrofes estão carregadas de piedade em relação ao “sublime proscrito” que continuou a crescer mesmo na adversidade, perdoou seus inimigos e agora repousará ao lado de grandes heróis. Na quinta estrofe, o eu lírico se dá conta de seu egoísmo: é o Brasil, o berço do Imperador, que deve recebê-lo e lhe dar um túmulo. Na sexta estrofe, há um apelo aos “poderosos do dia” para que ouçam sua prece ardente e permitam que ele volte para o solo amado.

Apesar de ser um poema de circunstância, o eu lírico não só lamenta a morte do Imperador, como também trata de política e de um banimento que causou repulsa a muitos brasileiros. Embora Rose Méryss seja francesa, ela acompanhou o Segundo Império de perto, cantou para D. Pedro II, participou das homenagens para seu neto, o Príncipe Imperial. O tom do poema é forte, as exclamações são numerosas, o eu lírico demonstra tristeza, mas, sobretudo indignação quando clama pelo perdão daquele que foi banido e se torna porta-voz do Imperador. Na sétima estrofe, o apelo se intensifica e o eu lírico passa a cobrar a justiça:

Écoutez, écoutez cette voix qui vous crie
Il est fils comme vous de la grande Patrie
Laissez-l'y reposer ... de souffrir il est las.
Ah! rendez les honneurs à ses restes augustes [...]
(*Jornal do Brasil*, 7 dez. 1891, p. 2)

O eu lírico suplica que o Brasil receba os despojos do exilado que nunca havia guardado mágoa em seu coração. Dirigindo-se à República, pede que ele possa descansar no berço em que nasceu:⁴

Tu lui dois bien cela, toi, jeune République,
Dont il ne voulut pas que la blanche tunique
Eut dans ses plis neigeux une tache de sang.
A lui, qui t'épargna, fais, oui! fais cette aumône;
— De générosité le “pouvoir” se couronne —
Et grande tu seras autant qu'il fut puissant.
(*Jornal do Brasil*, 7 dez. 1891, p. 2)

A última estrofe concentra toda a força do poema: o vocabulário salienta a injustiça cometida contra o monarca, contrapondo a velhice de D. Pedro II à “jovem República”, a “branca túnica” que ele vestia, às marcas de sangue que sua resignada partida evitou. A marcação das sílabas fortes “dois”, “cela”, “toi” “pas”, “tache” “épargna”, “seras” dá um ritmo vigoroso aos últimos versos em que o vocábulo poder é colocado entre aspas e se oferece uma coroa ao governo que pode ser grande, mas nunca poderoso como o imperador falecido.

Vê-se, portanto, que Rose Méryss escreve um poema de circunstância, mas desobedece a algumas regras de sua composição; neste caso, não escreve versos emotivos que homenageiam uma pessoa célebre que partiu, mas denuncia aquilo que considera injusto e apela ao governo brasileiro para que um erro seja reparado. Da mesma forma, distancia-se do Parnasianismo francês, que preconizava a objetividade e a isenção pessoal e, mais uma vez, aproxima-se do Romantismo, sobretudo daquele de Victor Hugo, que escreveu panfletos políticos e versos furiosos e indignados contra Napoleão III.

No final do século XIX, Rose Méryss torna-se professora de francês, ensinando, igualmente, declamação e dicção. Além de se dedicar à pintura e à literatura, aventura-se pelo jornalismo, escrevendo artigos para os jornais *Rua do Ouvidor*, *Jornal do Comércio*, a *Capital*, *Étoile du Sud* ora assinando seu nome, ora se servindo de pseudônimos, como Boccaccio, seu maior sucesso, entre outros.

Incansável, abre uma pousada na Tijuca em 1892, onde se hospedariam famílias brasileiras a passeio e artistas franceses que vinham se apresentar no Rio de Janeiro. Sarah Bernhardt ali esteve todas as vezes que

⁴ Somente em 1920, os restos mortais de D. Pedro II seriam transferidos para o Brasil.

visitou o Brasil em suas turnês. Vê-se, portanto, que apesar de estar morando no Brasil, Rose Méryss continua a ter contato com sua terra natal e com sua cultura.

Em 1899, publica o longo poema intitulado “La Justice cherchant la Vérité” (*Rua do Ouvidor*, 23 set. 1899, p. 3) no periódico *Rua do Ouvidor*. Com mais de cem versos livres e rimas regulares, o poema descreve um diálogo entre a Justiça e a Verdade. Esta última habita um poço, onde mata sua sede. A Justiça é representada por uma mulher com ares de Imperatriz, que caminha com dificuldade por causa de sua longa vestimenta que a faz tropeçar nos obstáculos do caminho, deixando cair as balanças simbólicas onde se pesa o Direito humano. Aproximando-se do poço, pergunta à Verdade se ela ainda está ali:

Êtes-vous la, ma soeur? dit-elle,
Venez avec ou sans votre attribut.
Je veux vous voir. Depuis longtemps, cruelle!
Vous me laissez sans nouvelle de vous!
(*Rua do Ouvidor*, 23 set. 1899, p. 3)

Como a Verdade não responde, a Justiça lhe pergunta se ainda dorme ou não está vestida, o que não teria importância, uma vez que a Natureza lhe deu uma beleza adorável, bem mais interessante que aquela proporcionada pelo artifício e pelo enfeite. Mais uma vez, a Justiça chama pela Verdade e avisa que o momento é grave e ela tem medo. A Opinião a espia com pedras na mão e já danificou seu manto e sua toga. Se a Verdade estiver com ela, a Justiça precisará se calar. Tratava-se de um “Caso” que demandou que ela pesasse os Prós e os Contras em suas balanças, no maior mistério. A Opinião está contra a Justiça que se apoiou na Lei e por isso ela precisa da Verdade, para provar à Opinião que elas estão sempre juntas:

Quand elle vous verra serrée à ma poitrine,
J’imagine
Que plus elle n’en doutera
Et me rendra
Son estime à laquelle on tient plus qu’à la vie,
Et sa foi. Venez donc, ma soeur, je vous convie
A ne nous quitter jamais.
(*Rua do Ouvidor*, 23 set. 1899, p. 3)

A Justiça promete viver em companhia da Verdade para sempre, mas é necessário que ela saia do poço onde habita, para distribuir a luz que dela emana e iluminar os cruzamentos por onde anda a Justiça. Junto dela, seus passos serão menos pesados. É preciso que elas sejam vistas sempre juntas, caminhando na mesma direção. Novamente a Justiça se inclina sobre o poço para tentar enxergar melhor e solta um grito de horror: a Verdade jazia ofegante, pois sobre seu corpo claro podiam-se ver três estranhas garras de ferro que a mantinham imóvel e lhe feriam a carne, sem que ela soubesse por quanto tempo estava sofrendo aquele martírio.

Estaria Rose Méryss se referindo ao Caso Dreyfus? A Justiça afirma tratar-se de um “Caso” que ela buscou solucionar de forma velada e a Opinião começa a atacá-la. Quando Rose Méryss publica esse poema em 1899, o Caso Dreyfus acabara de ser revisto: nesse ano, ocorre um segundo julgamento, logo após a publicação, em 1898, do célebre “J’accuse”, de Émile Zola, no qual ele acusa nominalmente todos os envolvidos na questão e afirma a inocência do capitão Dreyfus. Em 9 de setembro de 1899, a Corte dá o seu veredito: Dreyfus é novamente considerado culpado, condenado a mais dez anos de reclusão e um novo degredo. O veredito é absurdo e provoca uma reação furiosa da opinião pública.

Muito provavelmente, Rose Méryss trata de um assunto bastante delicado e, ao que parece, posiciona-se a favor do capitão Dreyfus, vítima de antisemitismo. A Justiça pede ajuda da Verdade, que está morrendo no fundo do poço, presa por garras que fazem pensar em um tridente. O poema é forte, possui um tom acusatório e os versos irregulares reforçam a sensação de caos e desordem.

A Verdade volta a ser tema de outro poema, cuja personagem estava envolvida no Caso Dreyfus: por ocasião da misteriosa morte do autor de *Germinal* em 1902, Rose Méryss escreve um soneto intitulado “Émile Zola”, em que o escritor é lembrado como alguém que persegue a Verdade, amante selvagem que tentava fugir de seu amor indomável:

Quel est ce voile affreux qui te couvre la face,
Insatiable amant de cette “Vérité”
Qui, farouche, fuyait ton amour indompté,
Au cours des ans, toujours de plus en plus vivace?
(*Correio da Manhã*, 2 out. 1902, p. 1)

Persistente, o chefe da escola naturalista tenta alcançá-la com paciência, desejando obtê-la em sua totalidade:

Patient, tu suivais en tous sentiers sa trace
Et tu saïssissais en ton but entêté,
La voulant dans sa pure et sainte nudité,
Dans tes bras de Titan que nul combat ne lasse.
(*Correio da Manhã*, 2 out. 1902, p. 1)

Os dois últimos tercetos lamentam que o olhar e a voz de Zola tenham sido extintos e descrevem o aspecto majestoso que a morte dá à frente daquele que diz adeus à vida, seja ele rei, bandido, crente ou ateu:

Mais ton geste soudain a cessé: ton regard
S'est éteint et ta voix ... oh! quel sombre hasard;
Hélàs: s'est tué aussi, dans ta gorge arrêtée.

Et cette majesté que la mort met au front
De l'homme, qu'il soit roi, bandit, croyant, athée,
Se double sur le tien, du mystère profond.
(*Correio da Manhã*, 2 out. 1902, p. 1)

Rose Méryss se serve, mais uma vez, de alexandrinos para compor o seu poema, embora não respeite a cesura em todos os versos. Segundo Soares López (2012, p. 73) os poetas brasileiros desse período, que seguiam os ditames do Parnasianismo, preferiam os decassílabos, enquanto os poetas franceses não escondiam a predileção por dodecassílabos. Os alexandrinos dão um tom solene ao poema, mas o termo “Titã” ressalta a força do escritor que se envolveu no caso Dreyfus de forma destemida, acusando os verdadeiros culpados.

Em junho de 1906, Rose Méryss casa-se com o empresário Bocage, também francês e se torna uma dama da sociedade. O marido falece, contudo, alguns meses depois e é enterrado ao lado da filha da artista, chamada Jeanne, que havia nascido em 1877 e morrido aos 21 anos no Brasil. Não é possível precisar se a menina nasceu Rio de Janeiro ou durante a turnê na América Latina, tampouco saber se foi fruto de um relacionamento sério, mas não era raro que as artistas tivessem filhos mesmo sendo solteiras.

Em 1909, “Madame Veuve Bocage” recebe do governo da França as palmas de oficial da academia. O fato é notícia nos jornais, que parabenizam a escritora, muito admirada pelo seu talento. *A Étoile du Sud* lembra que Rose Méryss goza de alta estima nos círculos oficiais. Seu passado de artista de café concerto não a impede de receber honrarias e distinções (*Étoile du Sud*, 11-14 jul. 1909, p. 1). Uma foto publicada na

revista *Fon-Fon* por ocasião do aniversário natalício de Rose Méryss mostra que a distinta poetisa estava cercada da melhor sociedade fluminense em seu *home* para comemorar a data especial:



Figura 2. *Fon-Fon*, 4 maio 1912, p. 6.

Rose Méryss está em pé, com um vestido branco. O *petit comité* é formado pela viúva de Arthur Azevedo, Luiz Edmundo, Sra. e Srta. Teixeira de Barros, Adrien Delpech, Franc Noral e outros convidados (*Fon-Fon*, 4 maio 1912, p. 44). Observe-se a elegância de sua casa e dos amigos presentes à celebração.

Rica, célebre e respeitada, Rose Méryss continua a colaborar em vários periódicos com poemas e textos jornalísticos. Em 3 de julho de 1911, publica no periódico *Fon Fon* o soneto “Gracieux Symbole”, que mostra uma técnica aperfeiçoada e se diferencia dos poemas de ocasião: o tema é a natureza, mais precisamente o pistilo que parece cair do céu em uma linha curva e pousa sobre uma flor como um beijo doce e trêmulo:

La nature nous peut, sans jamais s'épuiser,
Donner une leçon, présenter un symbole;
Tel celui de ce “fil” en blanche parabole
Qui du ciel semble choir pour venir se poser.
(*Fon-Fon*, 3 jul. 1911, p. 23)

A flor é comparada aos lábios que recebem a carícia do “fio” somente em sonho, temendo parecer ousada:

Sur les fleurs, frémissant et doux comme un baiser
Qui ferait s'entrouvrir, purpurine corolle
Une bouche adorée où la caresse vole ...
En rêve, seulement, craignant de trop oser.
(*Fon-Fon*, 3 jul. 1911, p. 23)

O pistilo é equiparado, então, ao precioso emblema do amor de uma jovem que deseja ser amada e cujas virtudes são o charme a que todos cedem: a graça emerge de seu coração como uma flor e todos se inclinam para respirar seu perfume:

Ce fil semble-t-il pas le précieux emblème
De l'amour d'une enfant qui désire qu'on l'aime?
Ses vertus sont le charme auquel nous cédon's tous;

La grâce, de son coeur comme une fleur émerge,
Et pour en respirer le parfum pur et doux,
Nous nous penchons, ravis: c'est le "fil" de la vierge.
(*Fon-Fon*, 3 jul. 1911, p. 23)

O soneto apresenta versos alexandrinos e, desta vez, é possível observar que Rose Méryss acerta na junção de dois versos de seis sílabas métricas, indicada pelo acento na sexta sílaba tônica. Há rimas ricas como "symbole/parabole", "émerge/vierge", rimas suficientes como "épuiser/poser", "emblème/aime" e rimas pobres, como "tous/doux". É preciso observar que, em 1911, o Parnasianismo já havia perdido sua força e o Simbolismo ainda atraía seguidores, embora não tenha tido grande repercussão no Brasil. Bosi tenta explicar o insucesso do movimento, afirmando que isso não deve causar estranheza:

O movimento, enquanto estado de espírito, passava ao largo dos maiores problemas da vida nacional, ao passo que a literatura realista-parnasiana acompanhou os modos de pensar primeiro progressistas, depois acadêmicos, das gerações que fizeram e viveram a Primeira República. (BOSI, 1971, p. 300-301)

Brandão (2010, p. 126), entretanto, aponta outros fatores para justificar a preferência de nossos poetas pelo Parnasianismo:

O parnasianismo — movimento coetâneo — alicerçava-se em dogmas herdados da literatura greco-romana; idolatrava a beleza, a ordem, a clareza das ideias, segundo os princípios do classicismo francês. Arte atemporal, angariou, por aqui, simpatias pela temática amorosa, agradável, sem traumas (como se lê em “Nel mezzo del camin”, de Bilac). Em tudo diverso, o simbolismo francês postulava a quebra da postura hierática, a regulamentação clássica; abriu caminho para a “aventura surrealista”, com Apollinaire, Breton e Aragon. Foi, por excelência, anticanônico. Provocou escândalo, não encontrou franca e fácil acolhida dos conservadores parnasianos. Por não fazer parte de nossas preocupações estéticas nem de nossa história, as transgressões por ele operadas perderam o sentido entre nós.

Embora o poema de Rose Méryss não possa ser considerado simbolista por causa do tema escolhido, bem como de seu tratamento, a presença do vocábulo “symbole” pode fazer pensar em uma tentativa de se aproximar dessa estética. O pistilo não é apresentado de forma clara, mas como um símbolo, um fio que teria caído do céu em forma de branca parábola para pousar na flor. Sabe-se que os simbolistas apreciavam o uso da cor branca em seus versos e, por eles, a realidade não era descrita de maneira objetiva, mas de acordo com a apreensão que o poeta fazia do mundo que o cercava. Teria Rose Méryss tentado fazer um poema simbolista? Os versos mostram que ela não era apenas autora de poemas de circunstância; sua inspiração era diversificada e ela acompanhava de perto as discussões literárias do período.

Em 1915, uma nota pública escrita em português é publicada pela “grande escritora” no jornal *O País*: ela agradece, “com o profundo sentimento de gratidão enchendo meu coração de francesa”, a todos que compareceram à igreja de S. Francisco de Paula para render uma homenagem a Jeanne d’Arc, a “santa heroína”, “piedosa”, “anjo da França” (*O país*, 1 jun. 1915, p. 12). Esse será um dos poucos textos publicados em português por Rose Méryss; toda a sua poesia é escrita em francês, talvez porque ela seja a expressão mais viva de sentimentos e experiências para o falante nativo.

Um ano depois, os jornais anunciam que a “célebre escritora” está leiloando todos os seus móveis: o “coração de francesa” de Rose Méryss chama-a de volta à terra natal. Ela já não tem o sonho de se tornar a maior artista de Paris, tampouco uma poetisa reconhecida e admirada. Por meio de uma carta enviada à revista *Fon-Fon*, sabe-se que a criadora do Boccaccio

deixou o Brasil para “descansar os últimos dias de sua vida na sua grande França” (*Fon-Fon*, 29 jan. 1916, p. 23). Em meio ao inverno rigoroso, ela escreve:

Amáveis e encantadores amigos,
É com as mãos enregeladas de frio que traço rapidamente estas linhas para lhes pedir, ainda uma vez, que me perdoem o brusco desaparecimento desse Rio que mora no meu coração.
Oh! O sol! Sua brancura de opala reflete mil cores na Avenida!
Como ficar triste sob esse céu amigo? Infelizmente, o meu céu parisiense nesta estação descarnada é lúgubre! Só posso pensar nos pobres soldados que no Norte sofrem mais duramente as intempéries do inverno. Acreditem, estou com as pontas dos dedos adormecidas e escrevo com dificuldade: perdão!
Esta aurora de 1916 lhes será propícia para que realizem todos os seus desejos, é o que peço à providência.
Amem-me sempre um pouco, ainda que à distância. Isso ajuda a “desaparecer” mais lentamente.
À *Fon-Fon* sempre: Avante! (MÉRYSS, 1916, p. 23, trad. nossa)⁵

Em 1917, Rose Méryss entra para a Cruz Vermelha Francesa e sua decisão é notícia no jornal *A Época*, que traz a foto da artista vestida de enfermeira: “Não poderia ter Rose Méryss, depois de tantos sucessos, maior grandeza d’alma e de coração senão como as grandes senhoras da sua pátria, encorajando os que se batem pela humanidade” (*A Época*, 24 jan. 1917, p. 1).

A “conhecida e estimada professora de declamação” muda-se para a França e se dedica ao tratamento dos soldados cegos no Hôpital auxiliaire. Não abandona, porém, a poesia e envia seus versos aos periódicos brasileiros que os publicam sempre com distinção.

Aos poucos, seu nome desaparece das revistas e dos jornais.

⁵ No original, lê-se: “Aimables et tout charmant Amis, C’est les mains gourdes de froid que je trace hâtivement ces lignes pour vous dire encore de me pardonner ma brusque disparition de ce Rio qui me tient tant au coeur, toujours. Oh! son soleil! sa blancheur opalisée de mille couleurs dans l’Avenue! Comment être triste sous son ciel ami? Hélas! Le mien, mon ciel parisien en cette saison décharnée est lugubre! Je ne puis que penser à nos pauvres soldats qui dans le Nord en éprouvent plus durement les intempéries. J’ai l’onglée, imaginez-vous et j’écris à la diable: pardon! Cette aurore de 1916 vous sera propice accomplissant tous vos désirs, j’en suis sûre, j’en prie la providence. Aimez-moi toujours un peu quoique lointaine. Cela aide à disparaître plus doucement. Au Fon-Fon toujours: En avant!”

A artista volta a ser lembrada nos periódicos brasileiros somente em julho de 1929, quando o *Correio da Manhã* anuncia que a criadora do Boccaccio havia falecido, octogenária, completamente esquecida, em Paris (*Correio da Manhã*, 29 jul. 1929, p. 1).

A produção poética de Rose Méryss mostra que ela acompanhava de perto as discussões literárias de um período em que Parnasianismo e Simbolismo atraíam seguidores com propósitos diferentes. A criadora do Boccaccio compreendeu as duas estéticas e procurou segui-las, o que não conseguiu realizar com pleno êxito. Da mesma forma, escreveu poemas de circunstância, mas não foi capaz de se ater a elogios ou lembranças. Tem-se a impressão de que a poesia de Rose Méryss era essencialmente romântica, o que se manifesta na sua preocupação com a liberdade e a justiça, a revolta com aquilo que impede o pleno desenvolvimento do ser humano e a visão do poeta como aquele que denuncia, interfere e reivindica. Uma poética, portanto, mais próxima daquela de Victor Hugo do que de Baudelaire ou Théophile Gautier.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A ÉPOCA. Rio de Janeiro, 1917.

BANDEIRA, Manuel. *Antologia dos poetas brasileiros da fase parnasiana*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1938.

BOSI, Alfredo. O simbolismo. In: *História concisa da literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1971. p. 293-336.

BRANDÃO, Gilda Vilela. Notas sobre a recepção do simbolismo na França e no Brasil. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n.17, p. 107-36, 2010.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 1929.

CORREIO DO BRASIL. Rio de Janeiro, 1872.

COUTINHO, Afrânio. *Caminhos do pensamento crítico*. Rio de Janeiro: Pallas, 1980.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 1871.

DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, 1873.

ETOILE DU SUD. Rio de Janeiro, 1909.

FISCHER, Luís Augusto. *Parnasianismo brasileiro: entre ressonância e dissonância*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

FON-FON. Rio de Janeiro, 1912.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 1877-1884.

JORNAL DO COMÉRCIO. Rio de Janeiro, 1875.

LÓPEZ, Camila Soares. *A poesia lírica na Gazeta de Notícias: indexação e antologia* (1890-1900). 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis.

MÉRYSS, Rose. 14 juillet. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, p. 1, 17 jul. 1890.

MÉRYSS, Rose. Le Glas. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, p. 2, 7 dez. 1891.

MÉRYSS, Rose. La Justice cherchant la Vérité. *Rua do Ouvidor*, Rio de Janeiro, p. 03, 23 set. 1899.

MÉRYSS, Rose. Emile Zola. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 1, 2 out. 1902.

MÉRYSS, Rose. Gracieux Symbole. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, p. 23, 3 jul. 1911.

MÉRYSS, Rose. Agradecimento. *O País*, Rio de Janeiro, p. 12, 1. jun. 1915.

MÉRYSS, Rose. De Paris. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, p. 23, 29 jan. 1916.

RUA DO OUVIDOR. Rio de Janeiro, 23 set. 1899-1902.

Data de recebimento: 15 de março de 2018
Data de aprovação: 30 de abril de 2018